

## A construção do espaço analítico

### Constructing the analytical space

Sissi Vigil Castiel<sup>1</sup>

**Resumo:** Em muitas estruturas clínicas com as quais nos deparamos atualmente, percebemos o empobrecimento da capacidade representacional e simbólica. Essas subjetividades colocam um impasse para a situação analítica, pois testam os limites da palavra, da intervenção do analista e de como se estabelece a transferência. A consequência disso é a colocação em primeiro plano da questão de saber onde deve incidir a ação do analista; ao que ela deve visar. Essa constatação a respeito da ação do analista leva a uma exigência de teorização a respeito do fazer clínico. A partir disso, abordo o conceito de representação e suas consequências para a questão da ação do analista desde o ponto de vista da metapsicologia.

**Abstract:** Nowadays, many clinical structures we come across with, make us apprehend a certain impoverishment of representational and symbolic abilities. These subjectivities set up an impasse to the analytical situation as they submit to test the limits of the word, the intervention of the analyst as well as the way the transference is established. So, the consequence is to put in the foreground the knowledge about the place where the analyst's action has to fall upon; what he/she has to aim at. This verification of the action of the analyst takes to the exigency of theorization considering the clinic doing. Thereof, I approach the concept of idea/presentation and its consequences regarding the analyst's action from the metapsychology's point of view.

**Palavras-chave:** metapsicologia, representação, ligação, transferência, ego.

**Key words:** metapsychology, idea/presentation, binding, transference, ego.

---

<sup>1</sup> Psicanalista; doutora em psicanálise pela Universidade Autônoma de Madri; membro pleno da Sigmund Freud – associação psicanalítica (Sig); coordenadora de seminários e supervisora da Sigmund Freud - associação psicanalítica e do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade; coordenadora do comitê de psicanálise da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul; autora do livro: Sublimação: clínica e metapsicologia – Editora Escuta –São Paulo – 2007.

Em algumas estruturas clínicas com as quais nos deparamos hoje em dia, observamos com frequência, transtornos psicossomáticos, normopatias, síndrome do pânico, transtornos alimentares, toxicomanias, depressão o que indica que a pulsão está se expressando ou por algum tipo de ação ou pela somatização. Há extravasamento da pulsão e empobrecimento da capacidade representacional e simbólica. De forma geral, poderia se dizer que estas são patologias onde há a prevalência dos transtornos sobre os sintomas. Desde o ponto de vista dos destinos pulsionais indicam retorno sobre a própria pessoa e transformação no contrário, em detrimento do recalque e da sublimação. Expressão do trauma e não do conflito. Manifestações da pulsão de morte mais do que de vida. Na análise, o aparecimento da passagem ao ato mais do que formas de resistência centradas na palavra.

O método psicanalítico clássico se fundamenta na idéia de que o conflito psíquico é repetido na cena da análise e, a partir disso, o analista interpreta as ligações desse material com a sexualidade perverso-polimorfa e com o Édipo. Paralelamente, o enquadre e a posição silenciosa do analista possibilitam que a fala do paciente se manifeste como demanda que não é atendida. Pela ligação do inconsciente com a pulsão, a finalidade do discurso do paciente é provocar a ação específica por parte do analista. Isto implica que para a manutenção do enquadre, o discurso manifesto tenha que ser contornado, o que gera a insatisfação. Só assim a sexualidade se manifesta como fantasia e se opõem a ela as defesas. A partir dessa encenação na transferência da sexualidade que se manifesta como fantasia, a análise recupera a história e pode se ater ao devir. O método opera a partir desse quadro esquemático.

No entanto, nos pacientes a que estamos nos referindo há a falência do tratamento psíquico, fantasístico. São excitações internas e externas com as quais o sujeito não lida psiquicamente. A função essencial da psicanálise nesses casos é a de criar, no sujeito, as condições mínimas de simbolização. Transformar, progressivamente, trauma em representação, transformar excitação em elaboração representacional.

A partir destas constatações, torna-se necessário que os psicanalistas repensem a questão da construção do espaço analítico. A consequência disso é a colocação em primeiro plano da questão de saber onde deve incidir a ação do analista ao que ele deve visar então.

No que diz respeito ao início de um tratamento, Marucco (1998) afirma que há algumas décadas atrás havia uma transferência positiva da cultura em relação à psicanálise. Assim, quando um paciente chegava ao consultório do psicanalista, acreditava, de antemão, que ali encontraria “respostas” ao seu sofrimento. Hoje, a transferência da cultura com relação à psicanálise se modificou, de forma que é preciso que a ação do analista dê conta de transformá-la e de instituir a possibilidade de uma transferência positiva.

Não se trata de dizer que acabou a neurose e a psicanálise, muito longe disso. Os neuróticos continuam, assim como cada vez mais a presença do analista e da psicanálise se fazem necessárias. À diferença dos tempos passados, é que hoje necessitamos teorizar, no campo da clínica, questões que ainda não estavam postas, devido às condições de época. A possibilidade de se ampliar a teorização da técnica psicanalítica, repensando-a a partir das demandas atuais, só fala em favor desta teoria, que revisa seus paradigmas para corroborar sua vigência.

Além disso, entendo que não é necessário que nós psicanalistas fiquemos nostálgicos de um tempo em que não necessitávamos nos deparar com dificuldades dessa ordem. Bem se sabe que esse paraíso nunca existiu. Como diz Isabel Vilutis (2003) referindo-se a este suposto paraíso perdido “(...) é a ilusão de completude que rege nossas carências”. (p.93) Pois, se há algo que define a psicanálise desde suas origens é o seu caráter contra corrente e sua constante necessidade de ultrapassar obstáculos. Esse saudosismo acaba por obliterar a nossa capacidade de trabalho e entusiasmo.

Com relação à construção do espaço analítico, nesses pacientes (com falhas na capacidade simbólica e que não utilizam a linguagem das palavras como principal veículo de comunicação), um dos primeiros questionamentos da atualidade tem sido se a manutenção e possibilidade de tratamento não se daria com a revisão das regras que definem o campo analítico, tais como frequência e honorários. Entendo que as regras que instituem o *setting* analítico instauram um campo para que a transferência possa acontecer ali. No entanto, ainda assim é necessária uma ação do analista no sentido de que se construa uma transferência. Ainda que algumas vezes seja necessário revisar as regras, elas não definem por si só o ato analítico. Como diz Laplanche (1980): “Não se escapa ao símbolo pelo real, assim como não se escapa ao real pelo símbolo”. (p.58) Com isso, quero reafirmar que as subjetividades atuais implicam uma necessidade de teorização a respeito

da prática clínica e que esta vai além do nosso apego ou facilitação das regras que regem o contrato analítico.

Leonardo Francischelli (2008) tem insistido na questão de que o início de um tratamento inclui um trabalho específico do analista no sentido de vencer suas próprias resistências em contraposição a um apego a revisão das regras. Portanto, ainda que, em muitos casos, seja necessário rever a forma clássica do contrato, isto não será suficiente para abarcar a necessidade de repensarmos a ação do analista nesse tipo de patologia a que estamos nos referindo.

Então, a questão que me interessa circunscrever é a da ação do analista diante desse interjogo entre repetição e ausência de representação que caracteriza alguns dos pacientes da atualidade. Tendo em vista a passagem ao ato e a repetição, que são uma marca dessas subjetividades, essas patologias colocam um desafio a construção do espaço analítico no que diz respeito a instalação da transferência,

Desde seus primórdios a teoria da técnica se apoiou na metapsicologia como fundamento que sustenta a compreensão das subjetividades. Assim, pretendo aqui tecer alguns enlaces entre a ação do analista e a metapsicologia que sustenta o entendimento das subjetividades atuais. Ainda que não haja metapsicologia nem técnica que definam o encontro do analista com seu paciente dado o seu caráter inédito, teorizar a respeito poderá nos permitir, talvez, uma maior segurança.

Os conceitos de trauma e repetição adquirem um estatuto elevado nas subjetividades atuais. No traumatismo, há uma efração, porque a intensidade da excitação excede a capacidade de ligação do aparelho psíquico. Roussillon (2006) aborda a questão da dificuldade em se definir se o efeito traumático deve ser relacionado a uma intensidade quantitativa particular ou ser relacionado a uma pré-desorganização dinâmica e/ou tópica que daria a qualquer quantidade um valor de efração. Entendo que nas subjetividades que estamos considerando, essa segunda possibilidade está em primeiro plano devido às características do objeto da pulsão. Encontramos sujeitos ligados a objetos primários que, por sua continuidade como objeto, impedem o desenvolvimento das capacidades psíquicas.

André Green (1990) afirma que o objeto sempre presente de maneira intrusiva que penetra permanentemente no espaço psíquico mobiliza contra-investimentos, esgotando os recursos do ego. Na verdade, parece que esse tipo de patologia nos coloca frente a

expressões sintomáticas que remetem a um objeto primordial que, afirmando sua primazia na economia do sujeito, compromete a capacidade de simbolização, representação e pensamento devido à continuidade de sua presença. O objeto nunca está ausente e por isso não pode ser pensado. A presença constante é sentida como intrusão, é negatividade.

De que forma o analista precisa agir para que a transferência se instale. Entende-se que essa ação se relaciona de alguma forma, com a possibilidade de que a passagem ao ato e a repetição possam ceder dando lugar à representação e a simbolização. André Green (1990) afirma que “o analista responde, ao mesmo tempo em que se vale de suas qualidades de empatia, com um dispositivo de elaboração, que supõe a inibição da meta da pulsão”. (p.76)

É preciso que se trabalhe a formulação de Green em termos de suas implicações clínicas e metapsicológicas. O que quer dizer em termos clínicos inibir a meta da pulsão. Pois, inibir a meta da pulsão pode ficar confundido com a não satisfação da pulsão no campo da análise o que constitui a neutralidade. Por outro lado, inibir a meta pode se igualar à análise da passagem ao ato como uma resistência ao tratamento, o que a experiência clínica comprova que tem pouco efeito. Muito mais deve estar contido nessa formulação.

O autor acredita que, em uma subjetividade dada, o rebaixamento da inibição da meta tem o efeito de impedir toda retenção da experiência, indispensável para a constituição de marcas mnêmicas, das quais depende a atividade de rememoração. A pulsão busca satisfação por meio do objeto, mas quando ela não é possível, devido à inibição imposta pelo enquadre, se permite a via da elaboração e da representação.

Pode se dizer que a representação está em estreita correlação com o objeto. Já desde a filosofia o termo representação indica a marca subjetiva de um objeto. Em Freud, o termo *Vorstellung* já aparece muito cedo, desde Sobre as afasias (1987), indicando com esse termo muito mais do que uma imagem ou uma cópia do objeto. Pelo contrário, ele divide a recordação do objeto em diversas séries associativas. Assim, designa pela expressão traço mnésico uma impressão do objeto que está sempre inscrito em sistemas em relação com outros traços sem se preocupar com a semelhança entre os traços e os objetos. A representação é o investimento do traço mnésico. Para Laplanche e Pontalis (1960), a representação em Freud seria o quê do objeto vem se inscrever nos sistemas mnésicos.

Em *Sobre as afasias* (1987), Freud diferencia a representação coisa da representação palavra. A representação de coisa é um investimento do traço mnésico derivado do objeto. As representações de palavra são ligadas à verbalização e a tomada de consciência. É associando-se a uma imagem verbal que a imagem mnésica pode adquirir consciência. A representação consciente engloba a representação de coisa mais a representação palavra correspondente, enquanto que a representação inconsciente é apenas a representação de coisa.

O aparelho de linguagem tem por função tornar possível a significação, e esta está associada a articulação entre uma imagem do objeto articulada a uma imagem verbal provinda de outro aparelho. A palavra só adquire sua significação pela articulação que estabelece com a representação objeto. Isso não quer dizer que a significação é dada pela coisa, mas que a palavra não pode prescindir de contar com uma referência a algo que lhe seja exterior, um objeto. Portanto, a representação possibilita ao sujeito se afastar da vivência real com o objeto para o símbolo através da linguagem.

O sistema inconsciente contém as catexias objetais e a passagem para o pré-consciente, ocorre quando essa representação de coisa é hipercatexizada através da ligação com as representações objetais que lhe correspondem. São essas hipercatexias que provocam uma organização psíquica mais elevada, possibilitando que o processo primário seja sucedido pelo processo secundário no pré-consciente.

A representação é um conceito, em Freud, que está articulado aos princípios do funcionamento psíquico no sentido de que só pode acontecer uma representação se não houver descarga total das excitações. A descarga total da excitação o que constituiria o princípio de inércia, tal como formulado por Freud no Projeto para uma psicologia científica (1895) seria uma tendência primária dos organismos que não possibilitaria o acúmulo da energia necessária para a realização da ação específica. Essa tendência inicial se modificaria para uma tendência secundária que se caracterizaria por acumular o mínimo indispensável de energia. A consequência desse acúmulo de energia no psiquismo seria, então, a complexização deste, no sentido de que estruturas psíquicas se fundariam a partir disso. Ainda que o conceito de representação não apareça especificamente no Projeto, pode-se depreender que a representação seria possível a partir dos processos psíquicos secundários, onde haveria a retenção da descarga das excitações, permitindo uma

diferenciação entre lembrança e percepção do objeto e uma diferença entre processos primários e secundários.

O aparelho psíquico começa a se constituir a partir do momento em que a energia livre proveniente da fonte pulsional começa a ser ligada. É essa sujeição da energia livre sendo transformada em energia ligada que vai passar a ser a tarefa principal dos estratos mais elevados do aparelho mental. Uma vez feita a diferenciação do psiquismo em sistemas caberá ao sistema pré-consciente sujeitar a excitação do inconsciente o qual funciona como local de impacto da fonte pulsional. Essa energia livre tende à descarga e poderá provocar uma desestruturação se não for dominada e conduzida à descarga de forma adequada. Portanto, o aparelho psíquico funciona no sentido de ligar a energia livre, o aparelho é o efeito dessa ligação, posto que antes dela não se pode falar em nada que se assemelhe a um aparelho, uma organização, um sistema fechado.

Um sistema que funcionasse exclusivamente segundo a modalidade da energia livre não teria como se defender do excesso de estimulação e teria sua capacidade de sobrevivência reduzida. É a ligação da energia que vai constituir o aparelho. A partir disso, se conclui que os primeiros representantes pulsionais se fixam como um primeiro esboço de inconsciente a partir da ligação da energia que é permitida pela contenção das excitações – isto constitui o recalque originário, é a forma mais primitiva de relação entre a pulsão e seus representantes: a fixação ou inscrição, o que se chama recalque originário, a fixação da pulsão em seus representantes.

Sendo assim, na análise através da descarga pelo ato, o paciente não reteria a energia necessária para que se operem representações. O objetivo inicial da técnica, nesses casos, seria o de criar as condições mínimas de simbolização. No entanto, ainda é preciso compreender de que forma a ação do analista contemplaria essa inibição da meta da pulsão.

Passa-se a buscar no Projeto para uma psicologia científica (1895), elementos que possibilitem o aprofundamento metapsicológico dessa formulação. Nesse texto, Freud afirma que o ego é uma organização que inibe a alucinação proveniente da excitação interna, para permitir ao signo de realidade vindo da percepção externa atuar sem a revivência alucinatória. O ego é o que introduz na circulação da fantasia um processo de ligação que retém a energia no sistema fantasístico, impedindo-a de circular livremente.

Portanto, desde o ponto de vista do psiquismo, no Projeto, o ego é a organização capaz de inibir a descarga da pulsão.

A partir disso, poder-se-ia pensar qual seria o correlato na técnica que do ponto de vista do psiquismo seria desempenhado pelo ego? Daí advém a questão de onde surge o ego. No Projeto, o ego não se trata de uma instância psíquica, nem é sinônima de si mesmo, acepção que o conceito terá posteriormente. O ego aqui é o responsável pelas primeiras organizações em psi.

Em um primeiro momento de dispersão das excitações tem lugar a experiência de primária de satisfação, fundando o prazer. O prazer se erigirá em princípio posteriormente a partir da ligação. Esta consiste em uma contenção ao livre escoamento das excitações, transformando a dispersão inicial em um estado organizado. A ligação é possível a partir das vias colaterais. A energia livre se caracteriza pela idéia de que a Qn que atinge um neurônio tende a distribuir-se pelas barreiras de contato mais facilitadas que oferecem menos resistência em direção à descarga motora. No entanto, se um neurônio vizinho é simultaneamente catexizado, cria-se algo como um campo de forças unificado, a Qn ao invés de se dirigir à descarga terá seu curso alterado em favor do investimento colateral. Esse campo de forças unificado é o ego e a ligação da energia significa o fato dela ter ficado retida nos neurônios (ligada) em contraposição à descarga. A ligação é o que permite a transformação da energia livre em energia ligada e, ao mesmo tempo, constitui essa organização em psi que é o ego. Dessa forma, a ligação propicia a formação do ego, e o ego propicia a ligação.

Garcia-Roza (1988) afirma, no entanto, que não há ego anterior à ligação e esta última opera a passagem de um estado de dispersão a um estado de organização parcial em um primeiro momento. O autor diz que as primeiras ligações são sínteses passivas, no sentido de que limitam o livre escoamento das excitações. Em um segundo momento, tornam-se sínteses ativas, tratando-se de repetições diferenciais. Com essa idéia de repetição diferencial o autor refere-se à organização sobre as excitações que foram acompanhadas de prazer ou dor e que se tornaram elementos de uma repetição. Assim, demonstra que o ego é o responsável pela repetição de experiências anteriores e pela inibição da descarga, de forma que o que nos interessa pensar é o que introduz no

psiquismo essa “capacidade ligadora” inicial que permite que a excitação não seja descarregada.

Nas subjetividades atuais, poderíamos identificar a passagem ao ato com a descarga da excitação, resultando em uma impossibilidade de ligação. Nesse sentido, a ação do analista estaria relacionada à inibição da meta da pulsão, para que fosse possível, posteriormente, a ligação. Com isso, o que se precisa pensar que processo técnico responderia pela introdução no paciente dessa capacidade de ligação das excitações, em contraposição à descarga.

No tópico dedicado à Cognição e pensamento reprodutivo no Projeto, Freud afirma que o discernimento entre objeto alucinado e objeto percebido é dado pela capacidade adquirida de julgar a respeito da semelhança entre ambos. Pois pode acontecer que o objeto percebido não coincida inteiramente com o objeto capaz de realizar a ação específica. Freud exemplifica supondo que a visão desejada por uma criança é do seio da mãe visto de frente com o mamilo, se a primeira visão do seio tivesse sido uma visão lateral do seio, não haveria uma identidade total entre objeto desejado e objeto percebido. Nesse caso, uma experiência adquirida anteriormente, de forma casual, no ato de mamar poderia ter proporcionado que a imagem frontal se convertesse em lateral mediante um movimento da cabeça. Nessa nova experiência, a imagem lateral percebida conduz à imagem do movimento de cabeça. Dessa forma, um teste demonstrará que o movimento pode ser feito no sentido inverso a fim de obter a percepção da imagem frontal.

A partir daí, se pode depreender do exemplo de Freud que a inibição da descarga que conduziria ao desprazer, proporciona uma ação no sentido da busca ativa da satisfação. As experiências da criança com seu próprio corpo, de maneira acidental ou não, possibilitam aquisições no sentido de se aproximar da experiência de satisfação, no caso do exemplo, o movimento adequado da cabeça. Além disso, Freud qualifica a primeira imagem – a do objeto desejado como a coisa. Dessas afirmações, pode-se depreender que do ponto de vista do sujeito a possibilidade de poder discernir e de ir a busca do objeto desejado depende, de certa forma, de que a mãe permita essa busca, de que exista o espaço para a busca, espaço para o movimento de início acidental mas que posteriormente será intencional, dando espaço para que se forme o pensamento e a ação própria. Lacan parte dessa idéia para abordar o papel da coisa e do objeto a na instalação do desejo. A ausência

da mãe como objeto permite o desejo. A possibilidade de representar o objeto se relaciona com a ausência deste. Tal como descrito por Freud (1920) no jogo do *fort-da*, a ausência da mãe permite nomeá-la. A linguagem e a simbolização são uma consequência de simbolizar a ausência.

Por outro lado, do ponto de vista materno, é necessário que exista uma mãe que não se apresse a impor uma descarga relacionada ao seu próprio desejo, para que o pensamento se forme. Roussillon (2006) se refere que a capacidade de poder conter as excitações se relaciona com o ritmo próprio. Nesse sentido, ele chama atenção para um tipo de mãe que coloca o filho como um objeto erótico identificado como um objeto-fonte da pulsão impondo seu próprio ritmo como forma de contra-investir as suas próprias excitações de outra forma incontrolláveis. Segundo o autor, esse tipo de mãe não confia nos processos evolutivos de seu filho, no seu corpo, no seu ritmo. Assim, tentam controlar estes por um sistema de coerção. O corpo da criança é vivido como um mundo caótico e desorganizado que deve ser dirigido e controlado de fora. Isto acarreta que nenhuma confiança é dada à possibilidade de auto-regulação. Ele coloca como exemplo disso nos adultos o uso abusivo de medicamentos, as toxicomanias e a necessidade de ouvir músicas constantemente – maneiras de tomar de fora ritmos que contra-invistam uma vivência interna de caos. A consequência disso é que a autopercepção de si e a auto-experiência são desinvestidas em proveito de um hiperdesenvolvimento da vigilância ao ambiente. Dessa forma, esses sujeitos são particularmente frágeis às variações quantitativas, uma vez que suas capacidades de representar e de ligar é pouco desenvolvida. Assim, toda a excitação adquire um caráter traumático não tanto por sua intensidade, mais pela fragilidade das estruturas psíquicas.

Incluo as afirmações de Roussillon e Freud no Projeto para uma psicologia científica, para chamar atenção no papel do objeto como o facilitador das aquisições internas. Nesse sentido, o conceito de identificação primária adquire aqui toda a sua positividade, já que é através da identificação primária que o ego se constitui. Em outras palavras, o ego é o que o outro “diz” que ele é. A frase de Freud (1914) em *Introdução ao narcisismo*: “O ego não existe desde o princípio, algo deve ser acrescentado ao autoerotismo para que o narcisismo se constitua” (p.93), permite pensar que é através da identificação do sujeito com a imagem que o outro faz dele que torna possível passar da

dispersão do auto-erotismo para uma primeira integração de ego. Então, incluindo-se aqui as formulações de Roussillon, se a mãe é capaz de confiar na capacidade do bebê de conter-se, de não se desesperar com as tensões e excitações que tem de lidar e se, por outro lado, consegue agüentar o ritmo próprio do bebê para conter essas excitações, possibilita que o bebê se identifique com essa imagem de si mesmo capaz de autopercepção e auto-experiência.

A partir disso podemos chegar a duas conclusões: que o papel do ego é fundamental na questão da inibição da descarga e, além disso, da importância do outro como aquele que propicia que o sujeito possa ter uma imagem de si mesmo (ego) capaz de conter-se. No que diz respeito ao papel do ego e sua relação com a inibição da meta da pulsão (além dos aspectos evidenciados por Freud no Projeto), nota-se que progressivamente Freud vai especificando mais o papel do ego na ligação da energia.

O que Freud conceituou como ligação se modificou ao longo de sua trajetória metapsicológica, aspecto salientado por Garcia-Roza (1986). Em um primeiro momento, no Projeto para uma psicologia científica (1895), o aparelho psíquico começa a se constituir a partir do momento em que a energia livre proveniente da fonte pulsional começa a ser ligada. É essa sujeição da energia livre sendo transformada em energia ligada que vai passar a ser a tarefa principal dos estratos mais elevados do aparelho mental, como uma tarefa do processo secundário.

Na Interpretação dos sonhos (1900), Freud trabalha novamente essa questão de forma mais especificada, através do modelo do sonho postula que a finalidade do processo inconsciente é estabelecer pelo caminho mais curto a satisfação através da alucinação, em oposição a ele o processo secundário vai pela ligação entre as representações. Portanto, a ligação é um processo que ocorre no processo secundário.

Já em Além do princípio do prazer (1920), Freud afirma:

“Descobrimos que uma das mais antigas e importantes funções do aparelho mental é sujeitar as pulsões, substituir o processo primário que neles predomina pelo processo secundário e converter sua catexia livremente móvel numa catexia tônica. Essa

transformação ocorre e assegura a dominância do princípio do prazer”. (p. 57)

Nesta afirmação está contida a idéia de que para que o princípio do prazer esteja em funcionamento é preciso que haja ligação da energia. A ligação em Além do princípio do prazer é empregada para designar um mecanismo próprio do processo primário e responsável pela estruturação das fantasias primárias. O id seria essa primeira forma de organização onde estariam os representantes pulsionais. Em contraposição a isso, a morte é o que não se pode ligar. Freud afirma: “A compulsão a repetição de experiências traumáticas não atende sob nenhum aspecto as exigências do princípio do prazer e, no entanto mantém seu caráter pulsional”. (p. 52).

O que significa não atender as exigências do princípio do prazer? Não estar ligado. Isto quer dizer que em um primeiro momento, Freud entendia a ligação como um processo pertencente ao processo secundário, no entanto em Além do princípio do prazer entende que existe ligação entre as representações no id. O que nos interessa dessa questão para o presente trabalho é o motivo pelo qual altera seu ponto de vista sobre a ligação, passando a entendê-la também como pertencente ao processo primário.

A postulação do narcisismo possibilita pensar que quando se afirma que o ego é o objeto, está se afirmando que a representação do ego foi tomada pela pulsão, isto quer dizer que a sexualidade está investida no ego, a representação a qual se investe é a do ego. A partir disso, poderia falar sempre em sexualidade ligada. Com isso Freud passa a correr o risco de não mais ver no pulsional o desligado, a compulsão a repetição, o correr para a descarga pelas vias mais curtas. Em um estado anterior ao narcisismo existiria o desligado, a partir do narcisismo (e da formação do ego) existiria a sexualidade ligada. O aspecto pulsional e demoníaco, o desligado passa a fazer parte da pulsão de morte.

Estar de acordo com o princípio do prazer no Além do princípio do prazer (1920) tem que ver com energia ligada, ligada no ego e com os objetos externos, que no caso do narcisismo são reflexos ou estão em relação com este primeiro investimento do ego. Trata-se de uma sexualidade ligada. O que distingue a pulsão sexual da pulsão de morte é o investimento, a ligação; e esta se dá em relação ao objeto ego, em um primeiro momento.

Portanto, desde o ponto de vista da subjetividade, o que permite inibir a descarga a partir da ligação é o ego do narcisismo.

Assim, desde o ponto de vista de inibir a descarga da pulsão, o ego tem um papel fundamental, sem ego não existe ligação e sem o outro não existe um ego capaz de conter-se. Pensar, conter-se depende também de que o outro permita uma experiência em referencia a si mesmo, de acordo com o próprio ritmo.

A partir dessa digressão sobre representação, ligação, formação do ego e suas relações com a inibição da meta da pulsão, pode-se pensar na relação disso com a ação do analista. Pois se inibir a meta da pulsão desde o ponto de vista da subjetividade se relaciona com a ligação e esta depende de um ego capaz de efetivar essa ligação, quais as ações do analista que proporcionariam essa ligação. Inibir a meta da pulsão no sentido de que não haja descarga das excitações inapropriadamente, de forma que a contenção destas possibilite a representação. Para que isso ocorra é preciso que o sujeito disponha de instâncias internas capazes da contenção das excitações. Isso será possível a medida em que o sujeito respeite o seu ritmo em uma experiência de harmonia.

Existe uma aproximação do papel do analista com uma identificação com o outro que possibilita a constituição psíquica, o seu lugar coincide com esse lugar de quem possibilita ao sujeito “agüentar-se, conter-se”. A identificação do analista seria, nesse caso, com a capacidade materna de que o paciente possa agüentar-se, conter as excitações dentro de si para poder dominá-las. O analista precisa confiar e trabalhar para a capacidade do paciente em conter-se.

O conceito de gozo em Lacan parece aproximar-se dos fenômenos da repetição e da passagem ao ato, na medida em que este é o que se produz quando a satisfação da pulsão está circunscrita à demanda do outro. Nesse sentido, o sujeito está traindo seu próprio desejo, porque neste último existe um limite que é a castração. Por outro lado, o gozo se relaciona a captura no desejo do outro. Assim, quando o paciente (principalmente os adolescentes) atua através das drogas, das festas e bebidas excessivas procura um gozo ilimitado, que ponham fim a sua angústia. Esse gozo ilimitado é o que opõe a construção do espaço analítico, pois existe a ilusão de que a satisfação (ou o desaparecimento da angústia) se dá através da descarga pelo ato. Dentro dessa perspectiva a ação do analista é limitar o gozo, no sentido de que o sujeito possa conter-se. No sentido de que possa

apropriar-se do que busca na repetição. Será que encontrará nela o alívio de sua angústia? Ou será que a angústia voltará assim que tenha realizado este ato e este será, então, o precursor do próximo? O conter-se se relaciona com a idéia de que o paciente busca no ato (no outro, na droga, na bebida, na festa) o domínio de si próprio – o que é uma ilusão.

Assim, a tarefa do analista ao inibir a pulsão tem menos que ver com a análise das resistências que elas comportam e mais com a identificação com o lugar do outro que agüenta o tempo do sujeito em poder conter-se, de tramitar a excitação de forma que seja possível lhe dar outro destino que não a descarga pelo ato. Esse agüentar o tempo tem uma relatividade, pois não se relaciona com passividade, nem com indiferença. André Green (2004) afirma que o trabalho do analista situa-se no campo transicional descrito por Winnicott. Com essa afirmação, chamo atenção para a questão de que a ação do analista necessita propiciar o espaço para a instalação do simbólico. Entendo que quando o paciente consegue conter-se, torna possível criar outras vias que não são diretas quanto a repetição, mas que possibilitam satisfações mais verdadeiras, no sentido da elaboração e da apropriação de si.

## BIBLIOGRAFIA

FREUD, S. *Contribution à la conception des aphasies*. Paris: PUF, 1987.

\_\_\_\_\_. (1895). *Proyecto de psicología*. IN: *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu, 1994, Vol.1,

\_\_\_\_\_. (1900). *La interpretación de los sueños*. IN: *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu, 1994, Vol.4.

\_\_\_\_\_. (1920). *Más allá del principio del placer*. IN: *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu, 1994, Vol.18.

\_\_\_\_\_. (1914). *Introducción del narcisismo*. IN: *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu, 1994, Vol.14.

FRANCISCHELLI, L. *Amanhã, psicanálise! O trabalho de colocar o tratamento no paciente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

GARCÍA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Vol.1, 1991

- \_\_\_\_\_. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- GREEN, A. *De locuras privadas*. Buenos Aires: Amorrortu. 1990.
- \_\_\_\_\_. O silêncio do psicanalista. *Revista Psychê*. São Paulo, Ano VIII, p.13-38, 2004.
- LAPLANCHE, J. *Problématiques III – La sublimation*. Paris: Presses Universitaires, 1980.
- LAPLANCHE, Jean et PONTALIS, J. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires, 1967.
- LACAN, J. *O seminário. Livro 4: O avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- MARUCCO, N. *Cura analítica y transferencia. De la represión a la desmentida*. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.
- ROUSSILLON, R. *Paradoxos e situações limites da psicanálise*. São Leopoldo:Unisinos, 2006.
- VILUTIS, I. A construção do dispositivo analítico. In; L. B. Fuks & F. C. Ferraz (Orgs.), *Desafios para a psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, p.91-102, 2003.